

**Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS**

**Centro Paula Souza**

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

**Percurso Histórico**

**Programa de História Oral na Educação**

**com**

**Dalila Ramos e Maecyra Bernardes de Melo**

**Centro de Memória da Etec Carlos de Campos**

**São Paulo/SP**

**2009**

## Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistadores: Carla Brito Souza Ribeiro, Gabriela Carvalho e Rubens Ramos Ferreira, estudantes do curso Técnico em Museu da Escola Técnica Parque da Juventude.

Instituição: Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

Em 2008, a professora Maria Lucia Mendes de Carvalho organizou a Jornada comemorativa “Da alimentação à nutrição: 70 anos de educação profissional (1939 a 2009)”, e nesse ano, contactou as professoras Dalila Ramos e Maecyra Bernardes de Mello para participarem das homenagens aos pioneiros do curso de Auxiliares em Alimentação ou Dietistas. Para realizar esse evento, que incluiu uma exposição montada a partir do Arquivo Pessoal de Debbie Smaíra Pasotti, contou com o apoio de estudantes do curso Técnico em Museu da Etec Parque da Juventude, conforme demonstram as fotografias a seguir:



Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista:

Auditório da Etec Parque da Juventude durante a Jornada Comemorativa dos 70 anos do curso Técnico em Nutrição e Dietética



Professoras Maecyra Bernardes de Mello (dietista) e Noemia Caldas (inglês), em 15/09/2009.



Dalila Ramos e Maecyra Bernardes de Mello, em 15 de maio de 2019.

Data: 15 de maio de 2009

Técnico de gravação: Rubens Ramos Ferreira

Duração: 17 minutos e 33 segundos

Número de vídeos: um

Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 11

### **Sinopse da entrevista**

Esta entrevista foi realizada durante as homenagens aos pioneiros do curso de “Auxiliares em Alimentação ou Dietistas” e que deu origem ao curso Técnico em Nutrição e Dietética. A entrevista aconteceu em 15 de maio de 2009, e agora está sendo incluída no projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, proposto pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional, na Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, a fim de promover a difusão dessa entrevista com Dalila Ramos e Maecyra Bernardes de Mello.

### **Transcrição da entrevista**

Data da transcrição da entrevista: 8 e 15 de março de 2019

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

**E:** Como a senhora vê as perspectivas do curso de nutrição?

**DR:** Está bem mais organizado que no nosso tempo. No nosso tempo tinha o curso de Auxiliar de alimentação e Educação Doméstica, era de dois anos, e a nossa especialidade maior era nutrição. Aí naquele tempo, depois, nós tivemos que à medida que o tempo foi se passando, ela logo pegou como professora. Eu já não. Eu já fui trabalhar no SESI. Trabalhei em informação sobre hábitos de alimentação, educação alimentar. Eu ia nos parques e nas

indústrias na hora do almoço, tudo pelo SESC. Eu ia e dava palestras sobre alimentação, sobre puericultura. Por que nós tínhamos no nosso curso aulas de puericultura, nós tínhamos um Dispensário de leiteiro e distribuía das sete da manhã até as nove a distribuição do leiteiro com o médico de pediatria, a gente auxiliava nas consultas. Tudo no nosso tempo.

**E:** O que é leiteiro?

**DR:** Leiteiro é aquele de um tipo do leite materno, que é leite mais misturado com um tipo de ácido.

**MBM:** Tinha o aquecimento.

**DR:** Dava aquele gostinho azedo que tem no leite materno. Dava também mamadeira para aqueles que precisavam sem lactose.

**DR:** Tudo isso nós preparávamos no Dispensário. Eram as alunas que preparavam e distribuía isso. No nosso tempo era diferente do de vocês, vocês não têm um posto de puericultura. Atendia todo o pessoal do bairro, principalmente os mais afastados, das favelas, no Canindé.

**MBM:** Os mais pobres.

**DR:** A gente servia das sete às nove as mamadeiras por dia. Depois a gente ia para as aulas, de manhã a parte prática, e a tarde a parte teórica, no segundo grau.

**MBM:** Nós tínhamos muitos estágios.

**DR:** Fora isso a gente tinha estágio em postos de puericultura, estágios em indústrias, hospitais. Em hospitais tinha muito estágio. Então isso a gente fazia, e no último ano, você era diplomado, e você tinha que trazer os certificados que você fazia tantas horas de estágio.

**MBM:** A gente fazia visitação, fazia relatórios, tipo uma tese.

**DR:** É tese que hoje se fala. A gente tinha que apresentar um trabalho como tese, um trabalho de final de curso.

**MBM:** No quarto ano.

**DR:** Você passava a vida na escola. Você chega de manhã e tinha aquela rotina e acaba fazendo. Se você não quisesse fazer no Dispensário por que era duro, você fazia em outra coisa, em indústria ou hospital. Eu me lembro da primeira vez que eu fui fazer estágio na Leonor Mendes de Barros, acho que eu tinha quatorze ou treze anos, a primeira vez que eu vi um parto na vida, aquela gritaria que foi lá no hospital e o impacto foi tão grande, que eu quase desmaiei naquela situação. Hoje em dia, uma menina de doze ou treze anos, está mais vivida, a gente não.

**MBM:** Sabe demais, a gente não.

**DR:** Há cinquenta anos, atrás, hoje você vê um parto pela televisão, você não tinha televisão, aquela gritaria eu me lembro: - que eu queria fugir (risos), e não podia fugir por que o professor estava ali, aquela rigidez. Quando falava em hospital eu peguei um trauma. Eu trabalhei no Hospital do Mandaqui várias vezes, na cozinha mesmo. Nós saímos como professora Auxiliar em Alimentação.

**MBM:** Serviço de Alimentação.

**DR:** Aí trabalhei 15 anos na Getúlio Vargas, e o meu cargo era de professor de Dietética. Como a Getúlio Vargas era uma escola masculina, não tinha curso de nutrição. Mas daí, então o Dr. Pompêo do Amaral que era chefe do Serviço de Alimentação, ele colocava professor ou o que fosse para ter uma técnica em nutrição. Então a técnica de nutrição respondia pelo refeitório. A Getúlio Vargas tinha muitos alunos bolsistas que vinham de outros estados, do Peru, Bolívia, e eram bolsistas, principalmente, japoneses, que vinham fazer o curso técnico, por que era a única escola técnica profissionalizante e mais para a indústria. Eu fiquei no refeitório e não dava aula. Assim mesmo no refeitório, nós fazíamos as refeições, os cardápios e orientávamos na cozinha. Tinha o Dr. Pompêo que ia sempre, toda semana passava o médico, aquele que estivesse doente precisando, dava dietoterapia, e o cardápio normal na cozinha a gente fazia o cardápio de acordo e mandava para a cozinha executar. Tinha o horário dos desnutridos, que era meia antes do almoço da refeição normal, e eles vinham e a gente tratava especialmente, tudo deles era pesado e medido. Se acontecesse alguma coisa tinha o Dr. Nóbrega ou Dr. Barreto, sempre tinha um médico, que você chamava e ele estava ali na escola. Havia orientação do serviço médico, serviço dentário, tudo, eles tinham tudo na escola. Quando era na Escola da Piratininga eles moravam nos dormitórios, tinha alojamento, depois eles moravam em repúblicas no bairro do Ipiranga.

**DR:** Depois que passou para a Paula Souza, não houve mais bolsistas, agora só alunos externos, não há alimentação ideal ou alimentação normal. Depois disso, eu trabalhei 15 anos ali. Recebi estagiários da Carlos de Campos, e uma das funções que a gente pedia era que desce uma palestra, na hora do almoço elas faziam palestras sobre alimentação, sobre os bons hábitos da alimentação, como se deve. Eu lembro até de uma aluna que tinha bom relacionamento com a turma, eles pediam e ela ensinava como usar a faca. Um deles, um dia, me pediu que fizesse frango no jantar, que eles iriam lá para aprender, e eles queriam aprender e que eu fizesse a noite, os externos já haviam saído e que seria mais fácil eu ensiná-los. Tudo isso a gente fazia através das estagiárias. Havia aquela relação professor e aluno amigável. Depois, dali eu queria muito dar aula. Mas o meu sonho era voltar para a minha escola, a Carlos de Campos, e dar aula. Mas aí nenhum diretor queria dispensar, por que achava que fazia falta.

**MBM:** Na GV.

**DR:** Para que eu saísse da GV e fosse para a Carlos de Campos. Até que veio um diretor e disse: a senhora tem toda razão e nós vamos criar um curso de Nutrição e Dietética aqui, e a senhora poderia ficar aqui.

**DR:** Eu quero lecionar e eu não acredito, vai demorar muito e o Dr. Pompêo já tinha pedido, a D. Debble tinha pedido, já tinham todos os pedidos, mas eles não deixavam sair. Daí ele falou: eu sei o quanto a senhora quer ir embora. Mas não sei se um dia a senhora não vai voltar para dar aula aqui. E de fato aconteceu o que ele disse. Eu fui em 1970 para a Carlos de Campos, e depois, acho que foi em 1971, que ele conseguiu o curso de nutrição na Getúlio Vargas.

**MBM:** Hoje tem meninos e meninas e é integral, e tem o curso de nutrição lá.

**DR:** Eu fiquei 15 anos na Carlos de Campos, lecionei todas as matérias, eu só fazia Administração lá. Mas eu mantinha muito contato com elas que eram minhas colegas. A gente mantinha muito contato com o pessoal do ensino técnico, e se mantinha um relacionamento muito grande, e aí fui para lá. E aí peguei a cadeira de Bromatologia que era da D. Debble. Nesse espaço, a D. Debble já estava largando de lecionar e eu fiquei com as cadeiras dela: Bromatologia, Fisiologia da Nutrição, Dietoterapia, e aí eu comecei a me entrosar naquilo que eu gostava e eu queria era lecionar. Toda a minha vida foi trabalhar em nutrição, trabalhei no SESC, trabalhei na FORD no refeitório.

**MBM:** Houve um aperfeiçoamento quanto às disciplinas e tudo repartido. Começa do chão, só criando, criando e adquirindo experiência e vai pegando experiência, vendo a necessidade e daí vai havendo a reforma. Toda vida eu gostei demais do curso. Eu servia 190 almoços e tinha seis cursos técnicos, tinha 190 almoços e tinha 40 jantares, e lanches pela manhã e lanches à tarde.

**DR:** Eu já tinha 1200 refeições.

**E:** Como vocês vêm hoje o ensino técnico?

**MBM:** Muito bom. Principalmente, por causa da prática, e ela sai preparada para trabalhar, e é preciso gostar a primeira coisa, quem gosta da profissão.

**E:** E existe um reconhecimento do curso técnico?

**DR:** Muito melhor do que no nosso tempo, do que nós tivemos. Nós éramos chamadas de cozinheiras.

**MBM:** Eu era efetiva no estado.

**MBM:** Só de diplominhas eu tenho uns vinte. Eu fiz pedagogia, fiz administração hospitalar, fiz pós-graduação, eu era efetiva no estado e para ir para o particular. Havia muita perseguição da USP.

**E:** A senhora dentro da nutrição?

**MBM:** Fomos pioneiros. Quem gosta é fácil trabalhar.

**DR:** Você não era reconhecida como técnica. Foi muita luta para conseguirmos isso. Mas eu acho que agora está melhorando o quadro.

**MBM:** Eu fiz o curso o Normal. Fiz Pedagogia, e a gente se interessou para fazer mais, para ter mais conhecimento, para a gente crescer. Não contestar competência, não parar.

**E:** Você tem que se especializar naquilo que você escolheu?

**DR:** Você tem que se especializar naquilo que você escolheu

**MBM:** Adquirindo cada vez mais conhecimento, fica fácil de você trabalhar.

**E:** E hoje o que o curso de nutrição precisaria, quais seriam as necessidades desse curso?

**MBM:** Eu estou aposentada há trinta anos

**DR:** Não sei, mas eu acredito que pelo o que a Maria Lucia nos fala, e tudo o que nós estamos vendo aqui, que vocês estão mais estruturados com esse curso.

**MBM:** Estou encantada com a Maria Lucia, ela tem visão. Ela esteve na minha casa e nós conversamos bastante, e eu percebi que ela tem interesse, e ela gosta do que faz. Isso é muito bom.

**DR:** No estado e em indústria eu ia todo ano, e eu fiz Administração de Refeitório Escolar e eu fiquei 15 anos lecionando como professora.

**MBM:** Uma aluna foi para a Arábia Saudita, foi morar na Arábia Saudita, o marido foi jogar futebol pelo dinheiro, e ela me fez uma carta linda, ela teve uma criança e está com um ano, e ela me escreveu uma carta linda e disse: - D. Maecyra eu suporto a Arábia Saudita porque fui sua aluna. E que as mulheres andavam de rosto coberto.

## **Descritores**

Dietistas

Nutrição

Auxiliares em Alimentação

Dietoterapia

Bromatologia

Fisiologia da Nutrição

Dispensário de Puericultura

Nutricionistas

Técnico em Nutrição e Dietética

Jornada “Da alimentação à nutrição: 70 anos do curso Técnico em Nutrição e Dietética”

Dalila Ramos

Maecyra Bernardes de Mello

Francisco Pompêo do Amaral

Debble Smaíra Pasotti

Ensino de Nutrição

Escola Profissional Masculina

Refeitório Escolar

Serviço de Alimentação

Pedagogia

Administração Hospitalar

Normal

### **Dados Biográficos das Entrevistadas**

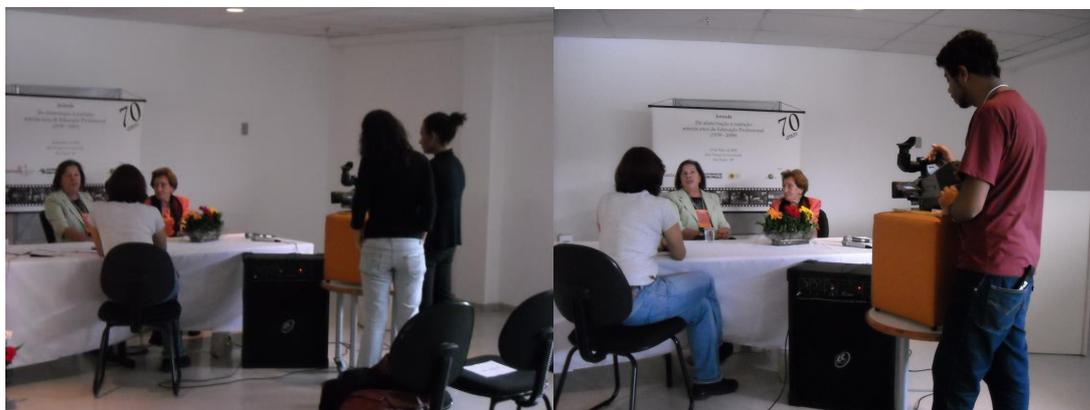


Dalila Ramos e Maecyra B. Mello na entrevista de 15 de maio de 2009.

Dalila Ramos nasceu em 30 de outubro de 1931, em São Paulo. Fez o jardim no Colégio Santa Terezinha, no Pari, o primário no Externato São Vicente de Paula, na Penha, onde passou a residir com a família. O pai Antonio Maria Esteves Ramos, de origem portuguesa, era ferroviário, e a mãe, Cândida Amélia Ramos, brasileira, era dona de casa, mas fez o curso Corte e Costura na Escola Carlos de Campos. Dalila Ramos disse em entrevista, que a mãe, fez parte do grupo de mulheres que na revolução de 1932, costuraram as fardas de soldados junto com as alunas na Escola Profissional Carlos de Campos, mas não mais como aluna, e sim como voluntária, e já casada e com dois filhos. Ela e um irmão quatro anos mais velho. A professora Dalila Ramos ingressou na Carlos de Campos, em 1946, e formou-se Mestre para Formação de Professores de Educação Doméstica e Auxiliares em Alimentação, em 1951. Como professora ingressou na Escola Técnica Getúlio Vargas, como auxiliar da professora Yonne Cintra de Souza, atuando no refeitório modelo da escola. Na década de 1970, foi substituir a professora Debbie Smaíra Pasotti na disciplina de Bromatologia e passou a ministrar aulas na Escola Técnica Carlos de Campos, aposentando-se em 1985

Maecyra Bernardes de Mello nasceu em 13 de janeiro de 1920. Fez o ginásio de cinco anos em São Paulo. Fez curso normal. Foi aluna do curso de Formação de Mestres em Educação Doméstica e Auxiliares em Alimentação na Escola Técnica Carlos de Campos. Ingressou, em 1954, como professora do curso de Formação de Dietistas, no Departamento de Ensino Profissional do Estado de São Paulo, sendo responsável pelo refeitório do curso na Rua Rego Freitas, n. 474, no centro da capital, no período de 1954 a 1958, e posteriormente, na Escola Técnica Estadual Carlos de Campos, até a sua aposentadoria em 1982. Formou-se Pedagoga pela Faculdade Oswaldo Cruz e, após aposentadoria, foi professora no Centro Universitário São Camilo.

## Dados Biográficos dos Entrevistadores



Carla Brito Souza Ribeiro, Gabriela Carvalho e Rubens Ramos Ferreira, estudantes (E) do curso Técnico em Museu da Escola Técnica Parque da Juventude, que realizaram as entrevistas com os professores que atuaram nos cursos de Auxiliares em Alimentação e derivados destes, na Escola Técnica Estadual Carlos de Campos.



Maria Lucia Mendes de Carvalho – Mestre em Engenharia Química (EPUSP, 1988). Engenheira Agrícola (FEAGRIUNICAMP, 1980), Bacharel em Química (IQUSP, 1980) e Licenciada em Química (FEUSP, 1981). Atuou em Centros de Pesquisas de Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora, e posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). É professora coordenadora de projetos no Centro Paula Souza, e coordenadora dos grupos de estudos e pesquisas GEPESAN e GEPEMHEP.